

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO DE HUMANIDADES

Disciplina: A CULTURA OCIDENTAL

**RESUMO E EXERCÍCIOS DOS
GUIAS PARA ESTUDO INDIVIDUAL E DE GRUPO**

**Antonio Paim
Leonardo Prota
Ricardo Vélez Rodriguez**

APRESENTAÇÃO

O CURSO DE HUMANIDADE do INSTITUTO DE HUMANIDADES está concebido de forma que cada um possa segui-lo conforme seu ritmo e nível de conhecimento. O principal pressuposto consiste em que a formação humanista é uma conquista a ser alcançada e aprimorada ao longo de toda a existência. O curso pretende apenas fornecer os instrumentos que permitam alcançá-la por quem a tanto se disponha.

Embora a cultura corresponda a um corpo unitário, a única maneira de compreendê-la é buscar conhecê-la em seu desdobramento no tempo, para, em seguida, buscar familiarizar-se com os seus principais segmentos, que seriam os seguintes: a política; a moral; a religião; a filosofia; a ciência; a literatura e as artes.

O método que desenvolvemos – sendo de experiência comprovada – abrange, primeiramente, o fornecimento de um resumo destinado a orientar a leitura do texto correspondente. O aprendizado requer que comecemos por nos apropriarmos daqueles conceitos fundamentais. Por que preferir a denominação de **cultura** ao invés de civilização? Quando surgiu mesmo a cultura ocidental e que relação guarda com a cultura greco-romana? Sendo o ingrediente básico da cultura ocidental, poderia o cristianismo, por si só, originá-la?

O cinema e a literatura podem contribuir para o nosso conhecimento da cultura ocidental. Nessa convicção, o INSTITUTO DE HUMANIDADES elaborou uma seleção de filmes, instruindo-a com indicações para tirar o melhor proveito de sua exibição, e, ainda, um guia para leitura das principais obras literárias, aquelas geralmente abrangidas pelo que se convencionou denominar de Cânon Ocidental.

SUMÁRIO

Objetivos

Síntese do conteúdo

I - Nascedouro e fundamentos histórico-culturais

Resumo

Exercícios

II - A civilização feudal ou o primeiro ciclo histórico da cultura ocidental

Resumo

Exercícios

III - A Época Moderna e a constituição da sociedade industrial

Resumo

Exercícios

IV - A feição assumida pela cultura ocidental e a plena explicitação de sua singularidade

Resumo

Exercícios

Leitura suplementar

Respostas dos exercícios

Objetivos

- Inteirar-se do processo de formação da cultura ocidental
- Conhecer os seus elementos constitutivos
- Dar-se conta daquilo que precisamente a singulariza
- Compreender porque a sociedade industrial explicita plenamente aquela singularidade

Síntese do conteúdo

A cultura ocidental nasceu na Europa, vários séculos depois da derrocada do Império Romano, quando se deu a segunda grande onda de invasões, ocorrida no século IX e em parte do seguinte. Aquela nova onda foi nutrida pelos árabes, provenientes do Norte da África, pelos húngaros, no Centro, e pelos normandos desde o Norte. A invasão árabe é detida em solo francês mas preserva o domínio da Península Ibérica. Os normandos ocupam parte da França e da Inglaterra, sendo assimilados e convertidos ao cristianismo. O mesmo ocorreria com os húngaros. Em meados do século X na Europa está consolidada uma nova forma de organização social, denominada de feudalismo, que justamente constitui o primeiro ciclo civilizatório da cultura ocidental.

Este primeiro ciclo define a feição inicial assumida pela cultura ocidental. É na altura do século XIII que se dá o reencontro com o legado cultural greco-romano, logo incorporado. Ao mesmo tempo, a cultura ocidental assume progressiva feição religiosa, circunstância que iria marcar profundamente o processo de gestação do segundo ciclo, configurado na denominada Época Moderna.

O segundo ciclo consiste na estruturação da sociedade industrial, quando se explicita de todo a singularidade da cultura ocidental.

Esta primeira aproximação à cultura ocidental será efetivada através da análise específica destes aspectos:

- I – Nascedouro e fundamentos histórico-culturais
- II – A civilização feudal ou o primeiro ciclo histórico da cultura ocidental
- III – A Época Moderna e a constituição da sociedade industrial
- IV – A feição assumida pela cultura ocidental e a plena explicitação de sua singularidade.

I - Nascedouro e fundamentos histórico-culturais

Resumo

A cultura ocidental resultou da fusão do cristianismo com o feudalismo. Em outros contextos, o cristianismo produziu culturas diferentes da ocidental, como se deu na Roma Antiga e, no caso da Igreja Oriental, ao originar a cultura bizantina. Ao mesmo tempo, incorporou diversas contribuições das civilizações antigas, ainda que o reencontro com aquele legado haja ocorrido tardiamente, no século XIII.

Basicamente, do legado grego a cultura ocidental incorporou a atribuição da devida relevância à capacidade de abstração e generalização; a compreensão de que existem tipos diferenciados de saber; a formulação inicial de diversas disciplinas, como a filosofia ou a ciência, herança que o Ocidente cuidou de desenvolver e, finalmente, a diferenciação das formas de manifestação artística. Em certos círculos vigora a suposição de que teria existido democracia direta na Grécia, tendo desaparecido o entendimento, comum no século XVIII, de que, para os gregos, o método democrático corresponderia ao sorteio para o exercício de determinadas funções, das quais se excluía os cargos mais importantes.

Os exemplos mais expressivos de generalização e abstração são a matemática e a política. Para atender às necessidades da produção agrícola, os egípcios efetivavam muitas e complexas medições sem entretanto cogitar de reuni-las num conjunto de regras e princípios. A experiência política nas civilizações precedentes era registrada para transmitir ensinamentos dos governantes às pessoas que, no entendimento da época, precisariam deles dispor. Os gregos é que iriam investigar qual a melhor forma de governo.

A contribuição essencial do judaísmo à cultura ocidental consiste na idéia de que deve existir uma lei moral obrigatória para todos.

E quanto à Roma, a mais relevante encontra-se no direito romano. Desde a Revolução Francesa, a denominação de algumas instituições políticas, como o Senado, também foi incorporada.

No que respeita à tradição clássica, subjaz uma questão da maior relevância teórica.

A obra notável criada num período histórico relativamente curto – de aproximadamente um século e meio –, ocorrida na Grécia, foi classificada de "milagre grego". Os estudiosos debruçaram-se perante a questão de identificar quais as circunstâncias sociais que o teriam proporcionado. No fundo trata-se de perguntar como se dá a mudança social. As principais explicações são examinadas no curso.

Exercícios

Indique qual a resposta correta à questão proposta

1. No processo de estruturação da cultura ocidental, além do cristianismo, intervêm
 - A. a arquitetura gótica
 - B. a edificação religiosa do Oriente
 - C. os dialetos germânicos
 - D. a racionalidade grega e as instituições romanas
2. A Grécia Antiga desenvolveu a capacidade de generalização e abstração. Exemplifique
 - A. A obra de Sófocles
 - B. Constituição da matemática e das doutrinas políticas
 - C. Construção de aquedutos
 - D. O poema épico
3. Entre as formas artísticas criadas pelos gregos sobressaem
 - A. a tragédia e a poesia
 - B. as artes plásticas
 - C. o canto e a música
4. Indique qual a criação de Roma que alcançou maior presença na cultura ocidental
 - A. a filosofia
 - B. a arquitetura
 - C. o direito
 - D. a retórica

II - A civilização feudal e o primeiro ciclo histórico da cultura ocidental

Resumo

A adequada compreensão do processo de constituição da sociedade feudal é essencial para bem situar o nascedouro da cultura ocidental. A divisão da cristandade em Império do Oriente e Império do Ocidente, ainda em Roma Antiga, em fins do século IV, iria dar origem a duas culturas diferentes, a ocidental e a bizantina. Quer isto dizer que o cristianismo por si só não constituiria a nossa cultura. Tal se dá quando se funde com o feudalismo.

O feudalismo, por sua vez, não consiste apenas numa forma de propriedade, como geralmente se supõe. O barão feudal que corresponde a uma de suas expressões, quando a sociedade está constituída, caracteriza-se sobretudo por pertencer à classe guerreira. Esta foi capaz de garantir a segurança numa determinada porção do território, na fase em que a Europa via-se assediada por nova onda de invasões, no século IX e primeira metade do seguinte.

Outro traço característico da nova formação social, que tem profundas conseqüências no desenvolvimento ulterior, corresponde ao contrato de vassalagem. Os barões feudais, que se reuniam no que se chamou de reino ou principado, não guardam fidelidade absoluta ao monarca escolhido. Esta corresponderia a uma imposição das guerras externas. No intervalo destas, desfrutavam de plena autonomia.

Constituída na altura dos meados do século X, a sociedade feudal experimenta grande florescimento nos séculos XII e XIII. Neste último século completa-se a descoberta das obras clássicas. A apropriação dos principais elementos da antigüidade, em especial a filosofia e a ciência gregas, bem como o direito romano, passaria a constituir-se num dos elementos fundamentais da cultura ocidental.

Na sociedade feudal, a cultura ocidental assume sobretudo feição religiosa. Progressivamente, todo o saber estrutura-se de forma a levar à compreensão da verdade revelada. Ao mesmo tempo, embora se haja estabelecido formalmente a separação entre a Igreja e o Estado, o Papado adquiriu enorme poder no plano temporal. As duas circunstâncias iriam influir nos rumos seguidos pela crise que acabaria por desembocar na Época Moderna.

Exercícios

Indique qual a resposta correta à questão proposta

1. Diz-se que o cristianismo por si só não originaria a cultura ocidental, resultando esta da fusão com o feudalismo,
 - A. porque em outros contextos, o cristianismo produziu outras culturas
 - B. devido ao fato de que se manteve separado do Estado
 - C. pela presença da tradição judaica
 - D. ao ser derrotado pelas invasões bárbaras
2. O feudalismo singulariza-se pelo fato
 - A. de haver constituído uma nova forma de propriedade
 - B. da elite ser constituída de guerreiros que, ao se agrupar, conservaram a autonomia
 - C. de haver criado os burgos
 - D. pelo florescimento da construção de igrejas
3. O florescimento alcançado na altura do século XIII caracteriza-se sobretudo
 - A. pela importância atribuída à oratória
 - B. pelo aperfeiçoamento da arte de copiar livros
 - C. pela apropriação do legado cultural greco-romano
 - D. pela obra de Leonardo da Vinci
4. Na sociedade feudal, a cultura ocidental assume um de seus traços distintivos
 - A. ao desenvolver a arte sacra
 - B. ao permitir o aparecimento de empórios comerciais
 - C. ao alcançar domínio sobre a África do Norte
 - D. ao incorporar a racionalidade grega

III. - A Época Moderna

Resumo

Na Época Moderna estrutura-se a sociedade industrial, que corresponde ao segundo ciclo da cultura ocidental.

Os ingredientes formadores da Época Moderna despontam na segunda metade do século XV, em que se lançam as bases da navegação de longo curso, acarretando a descoberta do chamado Novo Mundo, e desponta o Renascimento. O quadro se completa com a Reforma Protestante e as lutas do século XVII que marcam a consolidação do Estado nacional.

Para a eclosão da Revolução Industrial, de que resultou a constituição da nova sociedade, o elemento decisivo consiste na Reforma Protestante, que mudou radicalmente a atitude diante do trabalho e do próprio curso do mundo. Agora os crentes se propõem erigir uma obra digna da glória de Deus.

A Revolução Industrial ocorre na Inglaterra entre 1760 e 1830, posteriormente disseminando-se, num primeiro momento, à Alemanha, França e Estados Unidos. Seu traço essencial consiste na criação de máquinas que facultam a obtenção de níveis de produtividade do trabalho humano sem precedentes na história. Para alcançar tal desfecho seria decisiva a constituição da ciência. A ciência moderna representa uma reviravolta profunda na maneira de proceder à investigação dos processos naturais, dotando o homem da capacidade de neles intervir de forma progressiva.

O novo contexto possibilita o surgimento da empresa capitalista que procede de modo racional na busca de melhores resultados pelo incremento da produtividade. A concorrência entre empresas daquele tipo evidenciou ser poderoso estímulo ao seu progresso.

A Revolução Industrial, o capitalismo e a ciência moderna - elementos que se acham entrelaçados - definem a singularidade da cultura ocidental, ainda que não a esgotem. No plano da convivência social há três realizações que completam e explicitam integralmente aquela singularidade, a saber: o governo representativo, a tolerância religiosa e um novo entendimento da moralidade social.

Exercícios

Indique qual a resposta certa à questão proposta

1. Diz-se que a Reforma Protestante é o elo fundamental na configuração assumida pela Época Moderna
 - A. por haver contribuído para a colonização dos Estados Unidos
 - B. por ter formulado o princípio do Estado nacional
 - C. devido a que promoveu mudança radical na valoração da sociedade
 - D. por haver introduzido a pesquisa científica na Universidade
2. A principal mudança na valoração da sociedade corresponde
 - A. à posição em face do trabalho, da riqueza e do curso do mundo
 - B. à posição ocupada pela mulher na sociedade
 - C. à ascendência política da liderança religiosa
 - D. à consolidação da unidade europeia
3. Na visão de Ashton, a obra que mais influenciou sobre a geração de empreendedores ingleses de fins do século XVIII seria
 - A. *Inquérito sobre os princípios da moral* (1751), de David Hume
 - B. *A riqueza das nações* (1776), de Adam Smith
 - C. *Dissertação sobre a virtude e sermões* (1750), de Joseph Butler
 - D. *As aventuras de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift
4. O argumento que teria pesado decisivamente na aceitação da tolerância religiosa pelos ingleses
 - A. proveio do Papa ao renunciar à ingerência no poder temporal
 - B. decorreu do aparecimento da doutrina do contrato social
 - C. consistiu no abandono do princípio da religião de Estado
 - D. seria devida a Locke: definição da Igreja como associação livre para a prática do culto externo

IV - Feição assumida pela cultura ocidental e a plena explicitação de sua singularidade

Resumo

A sociedade industrial assumiu feição urbana. O passado conheceu muitas aglomerações humanas, mas a cidade moderna pode ser considerada como autêntica criação original.

A vida urbana suscita todo um conjunto de novos valores, que talvez pudessem ser agrupados em torno do que se poderia denominar de plena explicitação da dignidade da pessoa humana em sua integralidade, isto é, compreendendo não apenas a dimensão espiritual, mas também a dimensão corpórea.

Dessa nova valoração decorrem a implantação do saneamento básico, o significativo progresso da medicina e o surgimento dos esportes como prática generalizada.

Outra característica da sociedade industrial é o alargamento da elite a efetivação de reformas democráticas, atribuindo essa característica ao sistema representativo. Ao contrário do que previram os primeiros socialistas, a grande empresa não aboliu a pequena e a média propriedades. Os países desenvolvidos registram a presença de chamada classe média afluyente, detentora da parcela fundamental da renda gerada.

Outro processo que se faz presente na sociedade industrial é a eclosão das crises econômicas. Estas tiveram durante largo período natureza cíclica. Desde o último pós guerra, perderam tal característica mas não desapareceram. A história tem evidenciado que o limite da economia como ciência equivale à sua incapacidade de evitar períodos recessivos e sobretudo de encontrar saída para aquelas situações.

Finalmente, a sociedade industrial experimenta a sucessiva erosão dos valores das elites tradicionais.

Exercícios

Indique qual a resposta certa à questão proposta.

1. Ainda que a civilização feudal registre a presença de aglomerações humanas, a cidade moderna é fenômeno original
 - A. graças ao desenvolvimento alcançado pela arquitetura
 - B. porque somente nela vencem-se as epidemias e enquadra-se sucessivamente às regras do planejamento
 - C. pelas dimensões que vieram a assumir
 - D. devido á grande variedade de modelos
2. A moderna sociedade industrial promoveu o alargamento da elite
 - A. somente ali onde foi eliminada a monarquia
 - B. graças ao aparecimento da indústria cultural
 - C. ao eliminar a indigência, difundir o bem estar material e disseminar a educação
 - D. devido ao agigantamento da máquina estatal
3. As crises econômicas presentes ao capitalismo
 - A. nunca desaparecerão porque não há obra humana perfeita
 - B. são uma decorrência da ganância e da obsessão pelo lucro
 - C. decorrem da falta de cooperação do operariado
 - D. são da exclusiva responsabilidade do Estado
4. O curso histórico tem evidenciado a sucessiva erosão dos valores das elites tradicionais
 - A. devido à falta de reação das pessoas responsáveis
 - B. em decorrência da passividade da Igreja
 - C. graças à omissão das famílias
 - D. fenômeno que deve ser aceito como inelutável.

Leitura suplementar

A adequada compreensão do papel da mudança na valoração moral para o desfecho colossal, que representa a Época Moderna, corresponde a um dos objetivos centrais do CURSO DE HUMANIDADES. Não se trata de exaltar seja a Reforma Protestante seja o capitalismo mas apenas de perceber como se deu a tessitura do correspondente curso histórico. Para tanto apresentamos a seguir indicações de caráter histórico acerca da Reforma Protestante e uma breve caracterização do livro de Max Weber em que estabelece o vínculo entre puritanismo e o surgimento da empresa capitalista moderna. Tenha-se presente que Weber não pretende que o capitalismo esteja para todo e sempre dependente desta variável inicial. O curso seguido pela economia de mercado precisa ser estudado em cada um dos momentos precisos em que assume essa ou aquela feição.

a) Indicações de caráter histórico sobre a Reforma

A denominada Reforma Protestante foi precipitada pela distribuição de indulgências (perdão da pena inerente aos pecados, cuja culpa já fora perdoada pelo sacramento das Penitência mediante uma contribuição em dinheiro para o Papado, em Roma) realizada na Alemanha, por ordem do Papa Leão X, em 1517. Pressionado pela necessidade de terminar as obras da catedral de São Pedro, aquele Pontífice lançou uma indulgência a qual as pessoas poderiam habilitar-se pelo pagamento de uma esmola destinada a constituir um fundo que permitisse a conclusão da obra. A Ordem Dominicana, a mesma que supervisionava a Inquisição, foi encarregada da coleta desses fundos, tendo optado por obter um adiantamento da Casa Fugger, grandes banqueiros de Augsburg. A iniciativa causou uma enorme celeuma nos principados alemães, levantando uma onda de protestos contra o que, desde então, passou-se a denominar diretamente "venda de indulgências". Interpretando esse sentimento dos fiéis, um monge agostiniano, Martinho Lutero (1483/1546), fixou então, na porta da igreja do castelo de Witemberg cidade em que residia, 95 teses contra as indulgências. Os dominicanos ocuparam-se de refutá-las. Em vista da feição assumida pela disputa e de sua grande repercussão no mundo católico, o Papa Leão X lançou uma Bula condenando as afirmativas de Lutero e convidando-o a retratar-se. Ao invés disto, Lutero limitou-se a queimar a Bula papal, sendo então excomungado. Estávamos em 1520.

A disputa religiosa logo assumiu feição política. Na condição de Imperador do Sacro Império, Carlos V convocou a Dieta (assembléia política convocada pelo Imperador quando precisava submeter aos governantes dos diversos principados alguma questão especial, em geral a coleta de impostos), na cidade de Worms, em 1521, perante a qual Lutero não aceitou retratar-se. Diante disto, a Dieta o condenou, colocando-o fora da lei, o que equivalia a uma proibição de dar continuidade à difusão de suas crenças. Como estava apoiado por diversos príncipes, a condenação não alcançou maior eficácia.

Diante do rumo assumido pelos acontecimentos, Carlos V empreendeu uma ação destinada a restabelecer a unidade cristã em seus domínios, incumbindo Lutero de redigir um documento em que justificasse suas doutrinas. Lutero delegou essa atribuição a Melanchton, humanista de espírito moderado que também desejava um acordo com a Igreja, documento esse que, tendo sido submetido à Dieta, reunida na cidade de Augsburg, passou à história com a denominação de *Confissões de Augsburg*, que se considera como expressivas do luteranismo. Apesar da intenção conciliatória de Melanchton, as *Confissões* só fizeram acentuar as diferenças em relação ao catolicismo levando ao fracasso o intento de

reconciliação. Carlos V dá então um prazo de seis meses para que os protestantes renunciem às suas convicções, findo o qual, ameaça persegui-los.

Em 1531, os protestantes haviam formado uma poderosa coalizão militar, a que Carlos V se vê obrigado a recorrer, tendo em vista a invasão da Hungria pelos turcos. Os protestantes são autorizados a praticar os seus cultos na Alemanha, o que lhes permite conquistar novas e poderosas adesões. Em 1545, Carlos V tenta atraí-los ao Concílio de Trento, então iniciado, sem sucesso. Falecendo Lutero no ano seguinte, em 1546, e tendo alcançado a paz com os inimigos externos, Carlos V inicia o combate militar contra os luteranos. Começa um longo ciclo de guerras religiosas.

A paz de Augsburg, firmada em 1555, assegura a liberdade religiosa nos principados alemães, obrigando entretanto os súditos a seguir a crença escolhida pelo Príncipe. Os que não aceitassem a escolha, poderiam emigrar. Estava consagrada a cisão na Igreja Católica.

O luteranismo estendeu-se, rapidamente, aos principados do Oeste e do Norte da Alemanha, à Prússia, Suécia, Dinamarca e Noruega. Consagrando a livre interpretação da Bíblia, surgiram naturalmente diversas vertentes do protestantismo. Entre as mais importantes, sobressai o calvinismo, devido a Calvino (1509/1546). Tendo organizado um governo de índole ditatorial no pequeno Estado representado pela cidade de Genebra, entre 1541 e 1564, Calvino valeu-se da circunstância para popularizar sua doutrina. Enquanto o luteranismo ganhou a adesão da Europa do Norte, o calvinismo penetrou na direção do Ocidente, primeiro na Suíça de língua francesa, depois na própria França, na região que depois constituiria a Holanda e, finalmente, na Escócia, onde deu nascimento à Igreja Presbiteriana.

Outra vertente importante adviria do rompimento de Henrique VIII (1491/1547, cujo reinado iniciou-se em 1509) com o Papado. Em consequência desse rompimento, o Parlamento inglês votou em 1534 uma disposição, tornando o Rei chefe da Igreja, que passa a denominar-se Anglicana. A organização efetiva da nova Igreja seria obra de Elisabete I, que reinou de 1538 a 1603. Mantendo uma estrutura assemelhada à Igreja Católica, equivalia a uma adesão ao calvinismo. Sucessivas ameaças de elevação ao trono de um rei católico precipitariam a Inglaterra em prolongada guerra civil, durante o século XVIII, que terminam com a Revolução Gloriosa de 1688, que fixa a condição de que o Rei da Inglaterra pertenceria, obrigatoriamente, à Igreja Anglicana. Protestantes radicais, naquele país, continuaram a luta religiosa, dessa vez contra os anglicanos. Mas, por fim, acabou vigorando plenamente a tolerância religiosa.

Em revidé à disseminação do protestantismo na Europa, a Igreja Católica organiza o movimento denominado Contra-Reforma, tendo Espanha e Portugal como seus baluartes, de consequências não inteiramente avaliadas para o desenvolvimento ulterior de suas antigas colônias.

b) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber

Max Weber nasceu em 1864 no seio de uma família de industriais no Oeste da Alemanha. Seu pai era advogado e político conhecido, representante de uma das facções liberais no Parlamento. Weber pretendia seguir a carreira do pai e doutorou-se em Direito na Universidade de Berlim, em 1889, aos 25 anos. Para o exercício da docência livre, na mesma Universidade, elaborou uma tese sobre o direito agrário na Roma Antiga. Nos anos seguintes, realizou uma ampla pesquisa sobre o trabalho rural nas províncias alemãs a Leste do Elba e também sobre bolsas de mercadorias. Em 1894, tornou-se professor catedrático de Economia

na Universidade de Friburgo, transferindo-se em 1896 para a de Heidelberg.

De saúde muito precária, desde 1897, Weber reduziu, substancialmente, a atividade acadêmica, ocupando-se exclusivamente da investigação dos temas de seu interesse. A partir de 1903, aceitou ser diretor do Arquivo de Ciência Social e Bem-Estar Social, renovando por esse meio os contatos com a Universidade. Em 1904, aceitou convite para visitar os Estados Unidos. Nesse mesmo ano, publicou ensaios sobre metodologia da pesquisa sociológica e políticas agrárias no Leste da Alemanha, bem como o livro que estaria destinado a dar-lhe grande nomeada – **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Nos anos seguintes, prosseguiu sem interrupção o seu trabalho. Durante a Primeira Guerra, serviu como diretor de hospitais do Exército em Heidelberg. Em 1918, foi consultor da Comissão Alemã do Armistício, em Versalhes, e de uma comissão incumbida de redigir a Constituição de Weimar. Faleceu em junho de 1920, vitimado por uma pneumonia, aos 56 anos.

A parte fundamental da obra de Weber foi publicada após a sua morte, graças ao empenho pessoal da esposa (Mariane Weber), que também escreveu a sua biografia. As traduções não abrangem o conjunto. Com o título de **Economia e Sociedade**, publicaram-se grande parte de seus estudos sociológicos, achando-se essa obra traduzida ao inglês, ao francês e ao espanhol. Dentre os outros estudos, há traduções de **A ética protestante e o espírito do capitalismo; Ensaio sobre a metodologia das ciências sociais; A religião da China; A religião da Índia; O judaísmo antigo e História Econômica Geral**. Em português, estão publicados **A ética protestante; Ciência e Política como vocações**, e uma coletânea de ensaios (**Ensaio de Sociologia**).

São inestimáveis as contribuições de Weber para a cultura ocidental, cumprindo destacar a concepção de uma metodologia que permitiu a introdução de procedimentos científicos na sociologia; a identificação dos valores predominantes em ciclos históricos decisivos, bem como as condições de sua mudança, evidenciando, deste modo, o papel essencial dos valores na evolução do curso histórico; a constituição de uma atitude compreensiva no estudo da religião, em contraposição aos períodos anteriores, quando não se entrevia essa possibilidade, mas apenas a alternância entre a exaltação do sentimento religioso e a crítica demolidora da religião estruturada; e, finalmente, para destacar apenas o que há de mais relevante, as indicações que nos legou acerca da **ética de responsabilidade**, isto é, a defesa de um comportamento moral que incorpore as conquistas da meditação moderna, sobretudo, as teses kantianas, sem insistir na hipótese do homem universal e tendo-o como situado num tempo histórico e num território limitados.

Ao mesmo tempo em que devotou sua vida ao pensamento e à cultura, Weber integrou-se plenamente à problemática de seu país, dando-se conta de que o nacionalismo exacerbado conduziria à debilidade do Estado liberal de direito. Lutou denodadamente em defesa dos valores do liberalismo e, na medida em que via estreitarem-se os horizontes, imaginou abandonar a terra natal e exilar-se ali onde os ventos fossem mais favoráveis ao seu ideário. Contudo, nunca teve coragem de empreender esse passo. Lutou com empenho em prol da manutenção da paz mas, quando veio a Primeira Guerra, compreendeu que não dispunha de base moral para ignorar o conflito e apresentou-se ao serviço militar. Finda a conflagração, repudiou o comportamento daqueles que achavam ser correta a punição aos alemães, obrigando-as a pagar pela reconstrução dos outros países. Em Versalhes, procurou advertir quanto ao caráter suicida de tal política, que só servia para perpetuar a cisão na Europa, como de fato veio a acontecer. Deu o melhor de si mesmo em prol do sucesso da República de Weimar, de que presenciou apenas os primeiros passos,⁽¹⁾ embora nunca tivesse escondido

suas convicções monarquistas. Sua morte coincide com a eleição para a primeira legislatura (junho de 1920).

Publicaram-se diversos estudos sobre a obra de Weber, entre estes, **Sociologia de Max Weber**, de Julien Freund (trad. brasileira, Forense, 1970) e **Max Weber - um perfil intelectual**, de Reinhard Bendix (trad. brasileira, Ed. UnB, 1986).

A ética protestante e o espírito do capitalismo encontra-se entre os livros básicos escolhidos para leitura durante o curso.

Na Introdução, Weber indica que tem em vista (sua obra dedicada à religião, como um todo, e não apenas o livro em questão) esclarecer como se deu uma civilização cuja nota dominante consiste no empenho de aplicar procedimentos racionais aos mais diversos campos. A disposição dos homens de adotar certos tipos de conduta racional foi obstruída em toda parte por forças mágicas e religiosas. Os ideais éticos ditados por aquelas forças sempre estiveram no passado entre os mais importantes elementos constitutivos da conduta. O estudo do protestantismo é apenas um caso particular de investigação mais ampla.

A pretendida investigação está dividida em duas partes. Na primeira, formula o **problema** e, na segunda, procede à caracterização da ética vocacional do protestantismo ascético. Para cada um dos temas abordados, o autor elaborou extensas notas que ocupam 40% do texto. Sugere-se que sejam deixadas para uma segunda leitura. Em geral, as edições as colocam no fim do volume não ao pé das páginas, como é de praxe.

Na formulação do problema, Weber começa por desfazer a impressão superficial, resultante de uma observação de seu próprio tempo, de que a diferença fundamental entre católicos e protestantes estaria numa tendência à frugalidade, de parte dos primeiros. Num trabalho de 1901 ("Confissão e Estratificação Social", estudo baseado numa pesquisa realizada junto a protestantes e católicos, em Baden), o estudioso alemão Martin Offenbacher escreveu o seguinte:

"O católico é mais tranqüilo, tem menos impulso aquisitivo; prefere uma vida, a mais segura possível, mesmo que isto implique em uma renda menor, a uma vida arriscada e cheia de excitação, mesmo que essa torne possível a obtenção de honrarias e riquezas. Isso é comprovado de maneira irônica pelo provérbio "coma ou durma bem". No presente caso, o protestante prefere saciar-se, e o católico dormir sem ser perturbado".

Ao que objeta Weber, "com efeito, esse "desejo de comer bem" pode ser considerado uma característica correta, embora incompleta, da motivação de muitos protestantes de nome, na Alemanha e na atualidade. No passado, entretanto, as coisas não foram apenas bem diferentes, mas, para os puritanos ingleses, holandeses e norte-americanos, caracterizaram-se exatamente pelo contrário da "alegria de viver" e esse traço era um dos mais importantes de seu caráter. E, mais do que isso, o protestantismo francês, entre outros, reteve durante muito tempo, e ainda retém, em certa medida, até o presente, o caráter adquirido pelas igrejas calvinistas de todos os países e, especialmente, as "sob a cruz", do tempo das guerras religiosas. Esse caráter foi, entretanto – ou por isso mesmo, como iremos indagar mais adiante – reconhecidamente um dos fatores mais importantes do desenvolvimento industrial e capitalístico da França, e assim continuou sendo na pequena escala permitida pela perseguição movida aos protestantes. Se se qualificar de alheamento do mundo essa seriedade e a forte preponderância de interesses religiosos na maneira de viver, verifica-se que os calvinistas franceses eram, e ainda são peio menos tão alheios ao mundo como os católicos do norte da Alemanha, para os quais o catolicismo tem uma importância que a religião apenas costuma ter para poucos no mundo. Tanto uns como os outros diferem de uma maneira semelhante da

tendência religiosa predominante em seus respectivos países. Os católicos franceses mostram-se em suas camadas inferiores, muito interessados nos prazeres da vida, e, nas mais altas, abertamente hostis à religião. Da mesma forma, os protestantes alemães são atualmente absorvidos pela vida econômica contemporânea, e, nas camadas superiores indiferentes, em sua maioria, às questões religiosas. Dificilmente algo prova, tão claramente como essa comparação, que tais idéias vagas do (alegado) alheamento do mundo do catolicismo e da materialística alegria de viver do protestantismo, e muitas outras do mesmo tipo, a nada levam por não se concretizarem em sua generalização, seja no passado, seja ainda no presente. Se se quiser, entretanto, trabalhar com elas, deverão ser acrescentadas, às já apresentadas, algumas observações que sugeriram que o suposto conflito entre o alheamento do mundo, o ascetismo e a devoção eclesiástica, de um lado, e, a participação na vida industrial do capitalismo, do outro, possam vira estruturar-se numa íntima relação de afinidade”.

Na conclusão desse capítulo, escreve o seguinte: “É desnecessário acumular mais exemplos nessa exposição puramente introdutória, pois já esses poucos servem para mostrar que o "espírito de trabalho", o "progresso", ou qualquer outro nome que lhe possa ser dado, e cujo despertar se esteja inclinado a atribuir ao protestantismo, não deve ser entendido, como alguns pretendem fazê-lo, como alegria de viver, ou em qualquer outro sentido ligado ao iluminismo. O velho protestantismo de Lutero, Calvino, Knox, Voet, quase nada tinha a ver com o que hoje denominamos progresso. Opunha-se ele de forma hostil a setores inteiros da vida contemporânea, que não são mais contestados atualmente nem pelos religiosos mais extremados. Se se quiser achar qualquer relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a moderna cultura capitalística, deve-se tentar achá-los, em qualquer hipótese, não na sua alegria de viver, considerada mais ou menos materialística, ou pelo menos anti-ascética, mas nas suas características puramente religiosas. Montesquieu (**Esprit des Lois**, Livro XX, capítulo 70) diz dos ingleses que "eles foram os que mais progrediram de todos os povos do mundo em três coisas importantes: na religião, no comércio e na liberdade". Não será possível que sua superioridade comercial e a sua adaptação a instituições políticas liberais tenham algum ponto de contato com esse grau de religiosidade que Montesquieu observou, entre eles?

Grande número de relações possíveis, vagamente perceptíveis, ocorrem quando se coloca a pergunta nesse sentido. A nossa tarefa será agora a de formular, tão claramente quanto for possível, o que percebemos de maneira confusa, levando em consideração a inexaurível diversidade encontrável em todo material histórico. Mas, para chegar a isso, deve-se deixar de lado o âmbito dos conceitos vagos e gerais com os quais lidamos até agora, e tentar penetrar nas características peculiares e nas diferenças entre aqueles grandes mundos de pensamento religioso que existiram historicamente nos vários ramos do Cristianismo.

No capítulo II, Weber define o que entende por **espírito do capitalismo**. Toma como referência um texto de Benjamin Franklin (1706/1790), um dos fundadores da Independência Americana e ao mesmo tempo um homem de ciência e grande inventor. Nesse texto, Franklin faz o elogio do dinheiro e da frugalidade. Eis como Weber o comenta:

"Com efeito, todas as atitudes morais de Franklin são coloridas pelo utilitarismo. A honestidade é útil porque assegura o crédito; do mesmo modo a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade, e, esta é a razão pela qual são virtudes. Uma dedução lógica disto seria que, por exemplo, a aparência de honestidade bastaria quando fizesse o mesmo efeito, e um guia supérfluo dessa virtude evidentemente, pareceria a Franklin, um desperdício improdutivo. E, na verdade, quem ler na sua autobiografia a história de sua "conversão" a estas virtudes ou a discussão do valor da estrita manutenção da aparência de modéstia, a depreciação assídua dos

próprios méritos com a finalidade de obter, posteriormente, reconhecimento geral, chega, obrigatoriamente, à conclusão de que segundo Franklin, estas virtudes somente o são na medida em que são realmente úteis ao indivíduo, e sendo substituíveis pela mera aparência, sempre são suficientes quando o mesmo objetivo tiver sido atingido. É esta uma conclusão inevitável ao utilitarismo estrito. A impressão de muitos alemães de que as virtudes professadas pelo americanismo sejam hipocrisia parece ter sido confirmada por este caso. Na realidade, todavia, o problema não é, de modo algum, tão simples. O caráter de Benjamin Franklin, tal como aparece na conduta realmente fora do comum de sua autobiografia, prova ser falsa esta suspeita. A circunstância dele atribuir seu reconhecimento de utilidade da virtude a uma revelação divina que pretendia conduzi-lo ao caminho da honestidade, mostra que aqui está envolvida alguma coisa mais do que mera ornamentação de máximas puramente egocêntricas.

De fato, o **summum bonum** desta "ética", a obtenção de mais e mais dinheiro, combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida é, acima de tudo, completamente destituída de qualquer caráter eudemonista ou mesmo hedonista, pois é pensando tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo de superior à "felicidade" ou "utilidade" do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional. O homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da sua vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como meio de satisfazer suas necessidades materiais. Esta inversão do que poderíamos chamar de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio orientador do capitalismo, tão seguramente quanto ela é estranha a todos os povos fora da influência capitalista. Mas, ao mesmo tempo, ela expressa um tipo de sentimento que está inteiramente ligado a certas idéias religiosas. Ante a pergunta: por que se deveria "fazer dinheiro do ganho dos homens?" o próprio Benjamin Franklin, embora fosse um deísta pouco entusiasta, responderia em sua autobiografia com uma citação da Bíblia, com que seu pai, intransigente calvinista, sempre o assediou em sua juventude: "Se vires um homem diligente em seu trabalho, ele estará acima dos reis". Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação; e estas virtudes e eficiência são, como não é difícil de se ver agora, os verdadeiros **alfa** e **ômega** da ética de Franklin, tal como é expressa nas passagens que citamos assim como, sem exceção, em todos seus trabalhos."

Nos tópicos seguintes, Weber ironiza os teóricos da superestrutura" (marxistas) para formular a questão nestes termos: "Como é que uma atividade, que era, na melhor das hipóteses, eticamente tolerada, transformou-se em uma vocação no sentido de Benjamin Franklin? Como se explica, historicamente, o fato de no centro mais altamente capitalista daquela época, em Florença, nos séculos XIV e XV – o mercado de dinheiro e de capital de todos os grandes poderes políticos – fosse considerado eticamente perigoso, ou fosse quando muito tolerado, aquilo que, nas retrógradas circunstâncias pequeno-burguesas da Pensilvânia do século XVIII, onde a economia se via ameaçada, pela simples falta de dinheiro, a regredir ao primitivo estágio de troca, onde, dificilmente, havia um sinal de grande empresa, onde podiam ser encontrados apenas os primórdios de um sistema bancário, a mesma coisa fosse considerada moralmente digna de louvor e pudesse mesmo equivaler a uma norma de vida? Falar aqui de um reflexo das condições "materiais" sobre a "superestrutura ideal" seria patentemente insensato. De que rol de idéias originava-se a concepção de uma atividade dirigida para lucros, encarada como uma vocação para a qual o indivíduo se sentisse com obrigações? Por que foi esta idéia que determinou o modo de vida do novo empreendedor, sua fundamentação ética e sua jurisdição?"

Analisando algumas hipóteses de seu tempo, a exemplo do conhecido economista alemão Werner Sombart, Weber explicita que se trata de esclarecer a componente irracional originária, porquanto nada de mais incompreensível, de um ponto de vista eudemonista, do que a idéia de vocação desenvolvida pelo protestantismo.

No Capítulo III, examina a maneira como Lutero entende a vocação, concluindo que a mantém na forma tradicional, com o que justifica seja levado a tomar Calvino como ponto de partida.

Na Segunda Parte, Weber estuda a ética vocacional do protestantismo ascético, cujos representantes mais destacados seriam: (1) o Calvinismo na forma que assumiu na sua principal área de influência na Europa Ocidental, especialmente no século XVII; (2) o Pietismo; (3) o Metodismo; (4) as seitas que se derivaram do movimento Batista. Esclarece que "nenhum desses movimentos foi completamente independente dos demais, e mesmo a sua distinção das igrejas não-ascéticas da Reforma nunca é perfeitamente clara. O Metodismo, que surgiu pela primeira vez em meados do século XVIII, no seio da Igreja Oficial da Inglaterra, não pretendia, segundo o pensamento de seus fundadores, formar uma nova Igreja, mas apenas reavivar o espírito ascético dentro da antiga, e foi só no curso de seu desenvolvimento ulterior, principalmente com seu alastramento pela América, que se separou da Igreja Anglicana".

A respeito dessas variantes do protestantismo, Weber observa o que se segue: "O Pietismo desenvolveu-se inicialmente no seio do movimento Calvinista na Inglaterra, e, especialmente na Holanda. Permaneceu, naturalmente ligado à ortodoxia, delas e separando gradativa e imperceptivelmente, até que, ao termo do século XVII, foi absorvido pelo Luteranismo sob a liderança de Spencer, e ainda que seu ajustamento dogmático não fosse inteiramente satisfatório, conservou-se como um movimento dentro da Igreja Luterana. Somente a facção dominada por Zinzendorf e afetada por prolongadas influências hussitas e calvinistas dentro da irmandade moraviana, foi forçada como a contragosto o fora, a formar um tipo peculiar de seita, o Metodismo. O Calvinismo e a religião batista foram, nos primórdios de seu desenvolvimento, separados por forte oposição. Mas, na religião batista da última parte do século XVII, eles passaram a ter íntimo contato, e mesmo nas seitas independentes da Inglaterra e da Holanda no princípio do século XVII, a transição não foi abrupta. Como se vê pelo Pietismo, também a transição para o Luteranismo foi gradual, e o mesmo se deu entre o Calvinismo e a Igreja Anglicana, embora esta, tanto pelo seu caráter externo como pelo espírito de seus mais coerentes adeptos, seja mais relacionada ao Catolicismo. Tanto a massa dos seguidores como, principalmente, os mais firmes defensores deste movimento ascético, que, em seu sentido mais amplo, foi definido por esta ambígua palavra "puritanismo", atacaram os fundamentos do Anglicanismo; mas, também aqui, as diferenças somente foram-se agravando no transcorrer da luta. Mesmo que, por ora, praticamente, ignoremos as questões do governo e da organização, que não nos interessam aqui, os fatos são exatamente os mesmos. As diferenças dogmáticas, mesmo as mais importantes, tais como aquelas acerca das doutrinas da predestinação e da jurisdição, eram combinadas nos modos mais complexos, e, já no início do século XVII, evitavam regularmente, embora não sem exceção, a manutenção da unidade na Igreja. Acima de tudo, os tipos de conduta moral nos quais estamos interessados podem ser encontrados, de maneira semelhante, entre os adeptos das mais variadas denominações derivadas de qualquer uma das quatro fontes acima mencionadas ou de uma combinação de várias delas. Veremos que estas máximas éticas similares podem ser correlacionadas com fundamentos dogmáticos muito diferentes. Também os importantes instrumentos literários de salvação da alma,

principalmente, todos os compêndios casuísticos de várias denominações, influenciaram-se uns aos outros no decorrer do tempo; encontraram-se, neles, grandes semelhanças, apesar das notórias e grandes diferenças na conduta real.

Quase poderia parecer que teria sido melhor, se ignorássemos totalmente, tanto os fundamentos dogmáticos como a teoria ética, e limitássemos nossa atenção apenas à prática moral, à medida que esta pudesse ser constatada. Isto, todavia não seria certo. As diferentes raízes dogmáticas da moralidade ascética, indubitavelmente, se extinguíram após lutas terríveis. A conexão original com esses dogmas, porém, deixou, após, si importantes traços nas éticas não-dogmáticas posteriores; e, acima de tudo, somente o conhecimento do conjunto original de idéias pode ajudar-nos a compreender a conexão desta moralidade com a idéia de Além, que dominou de modo absoluto os homens mais espirituais daquela época. Sem o seu extraordinário poder, nenhum despertar moral, que influenciasse seriamente a vida prática, teria sido encerrado naquele período".

No capítulo final (V- A ascese e o espírito do capitalismo), Weber concentra a análise em Richard Baxter, escolha que justifica deste modo: "Para o relacionamento das idéias religiosas fundamentais do Protestantismo ascético com as suas máximas da vida econômica cotidiana, é preciso, antes de mais nada, recorrer aos escritos teológicos decorrentes da prática sacerdotal. Isto porque, numa época em que o além era tudo e em que a posição social dos cristãos decorria da admissão à comunhão, a influência do sacerdote na cura das almas, a disciplina eclesiástica, e a pregação exerciam uma influência – como se pode perceber através de qualquer leitura do conjunto dos **consilia**, dos **casus conscientiae** etc. – que nós, homens modernos, somos completamente incapazes de imaginar, Naquele tempo, as formas religiosas, expressas através desses canais, tiveram uma influência decisiva na formação do "caráter nacional".

Podemos, pois, para efeito das discussões desse capítulo e em contraposição a discussões posteriores, tomar o protestantismo ascético como um todo. Entretanto, uma vez que é o puritanismo inglês, oriundo do calvinismo, que nos dá a fundamentação mais conseqüente da idéia de vocação, colocaremos, de acordo com a nossa orientação, um dos seus representantes no centro da discussão. Richard Baxter destaca-se entre muitos outros intérpretes teóricos da ética puritana, tanto pela sua posição eminentemente prática e pacífica, como pelo reconhecimento universal do valor de seus trabalhos, através de sua constante reedição e tradução. Presbiteriano e apologista do sínodo de Westminster, ao mesmo tempo, como ocorria com muitos dos melhores espíritos de sua época, foi-se afastando dos dogmas do calvinismo ortodoxo. Internamente, foi um adversário da usurpação de Cromwell, porque era desfavorável a toda revolução, a todo sectarismo, e ao fanatismo dos "santos". Tinha, contudo, uma grande compreensão pelas opiniões alheias, e era objetivo frente aos seus adversários. Desenvolveu seu trabalho, principalmente, no sentido da promoção da vida moral eclesiástica, e, como um dos mais bem-sucedidos sacerdotes de toda a história, fosse a serviço dessa causa no regime parlamentar, sob o regime de Cromwell e na Restauração, até sua aposentadoria sob essa última - antes do dia de São Bartolomeu. Seu **Christian Directory** e o mais completo compêndio da teologia moral puritana, inteiramente orientado pela experiência prática de seu ministério. Como termo de comparação, usaremos os **Theologische Bedenken** de Spencer, representante do pietismo alemão, e a **Apology** de Barclay, representante dos quakers e também outros representantes da ética ascética, que, entretanto, no interesse da extensão deste trabalho, serão lembrados, dentro do possível, de maneira sucinta".

O essencial da pregação de Baxter está resumida da forma a seguir "Tomando como exemplo o **Saint's Everlasting Rest** ou o **Christian Directory** de Baxter, ou trabalhos

semelhantes de outros autores, destaca-se imediatamente a ênfase colocada em sua discussão sobre a riqueza e sua aquisição, nos elementos ebioníticos⁽²⁾ da proclamação do Novo Testamento. A riqueza em si constitui sério perigo; suas tentações nunca cessam, e sua procura não é apenas desprovida de sentido, quando comparada com a superior importância do reino de Deus, como moralmente suspeita. A ascese parece aqui voltar-se - com muito mais veemência do que em Calvino, que não via na riqueza do clero obstáculo algum à sua eficiência, antes pelo contrário nela vendo um aumento de todo desejável da sua reputação, permitindo-lhes aplicar juros ao seu pecúlio, a fim de evitar dificuldades - contra toda procura de riqueza em bens temporais. Exemplos de condenação da procura de bens e de dinheiro podem ser encontrados em quantidade nos escritos puritanos, e comparados com a literatura da baixa Idade Média, muito mais liberal a este respeito.

E ela é levada absolutamente a sério com tais dúvidas - que merecem um exame mais cuidadoso para a devida compreensão de seu significado ético e das suas implicações. Isto porque, a verdadeira objeção moral refere-se ao descanso sobre a posse, ao gozo da riqueza, com a sua conseqüências de ócio e de sensualidade, e, antes de mais nada, à desistência da procura de uma vida "santificada". E apenas é condenável porque a riqueza traz consigo este perigo de relaxamento. Pois, o "eterno descanso da santidade" encontra-se no outro mundo; na Terra, o homem deve, para estar seguro de seu estado de graça, "trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado". Não é, pois, o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da Sua vontade.

A perda de tempo, portanto, é o primeiro e o principal de todos os pecados. A duração da vida é curta demais, e difícil demais, para estabelecer a escolha do indivíduo. A perda de tempo através da vida social, conversas ociosas, do luxo, e mesmo do sono além do necessário para a saúde - seis, no máximo oito, horas por dia - é absolutamente indispensável do ponto de vista moral. Não se trata assim do "**Time is Money**" de Franklin, mas a proposição lhe é equivalente no sentido espiritual: ela é infinitamente valiosa, pois, de toda hora perdida no trabalho, redundará uma perda de trabalho para a glorificação de Deus. Daí não ter valor e, eventualmente, ser diretamente condenável a contemplação passiva, quando resultar em prejuízo para o trabalho cotidiano, pois ela é menos agradável a Deus do que a materialização de Sua vontade de trabalho. Para isso, existe o domingo, e, segundo Baxter, são os que não estão absorvidos em sua vocação, que nem para Deus têm tempo, na hora existente para esse mister.

De acordo com isso, apresenta-se, no principal trabalho de Baxter, uma pregação constante, às vezes quase apaixonada, em prol de um trabalho físico ou mental mais duro e constante. Isto é, devido à ação conjunta de dois fatores. De um lado, o trabalho é o velho e experimentado instrumento ascético, apreciado mais do que qualquer outro na Igreja do Ocidente, em acentuada contradição, não só com o Oriente, mas também com quase todas as ordens monásticas do mundo. Ele é, particularmente, o preventivo específico contra todas as tentações que o puritanismo agrupa sob a denominação de "**unclean life**" e cujo papel nunca foi modesto. A ascese sexual do puritanismo somente difere no grau, e não na essência, da ascese monacal; e, de acordo com a concepção puritana do casamento, é de muito maior alcance do que ela. Isto porque, as relações sexuais são apenas permitidas, mesmo dentro do casamento, como meio desejado por Deus para aumento de Sua glória, de acordo com o mandamento "Crescei e Multiplicai-vos". Contra as dúvidas religiosas e a inescrupulosa tortura moral, e contra todas as tentações da carne, ao lado de uma dieta vegetariana e de banhos frios, prescreve-se: "Trabalha energicamente em tua Vocação".

Mas, o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida. A expressão paulina "Quem não trabalha não deve comer" é incondicionalmente válida para todos. A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça.

Aparece aqui, visivelmente, o desvio da posição medieval. Também São Tomás de Aquino havia interpretado essa fase. Depois dele, todavia, o trabalho foi considerado necessário **naturali ratione** para o sustento da vida individual e coletiva. Onde não há essa necessidade, cessa também a validade dessa prescrição. Ela só se refere à espécie, e não a cada um individualmente. Quem puder viver de sua propriedade sem trabalhar não depende dela, e, naturalmente, a contemplação, como forma espiritual de trabalho no reino de Deus, parece o significado literal. Além disso, para a teologia popular da época, a forma mais elevada de produtividade monástica, estava no aumento do **Thesaurus ecclesiae**, através da oração e do canto.

Essas conexões ao dever de trabalhar não só deixam de prevalecer, naturalmente, para Baxter, como ele ainda fez questão de frisar energicamente que a riqueza não eximia quem quer que fosse do mandamento universal. Nem o rico, pode comer sem trabalhar, pois mesmo que não precise disto para o seu sustento, ainda assim prevalece o mandamento de Deus, que deve ser obedecido por ele, tanto quanto pelo pobre. Isto porque todos, sem exceção, recebem uma vocação da Providência Divina, vocação que deve ser por todos reconhecida e exercida. Essa vocação não é, como no luteranismo, um destino ao qual cada um se deva submeter, mas um mandamento de Deus a todos, para que trabalhem na Sua glorificação. Essa diferença, aparentemente irrelevante, teve amplas conseqüências psicológicas, relacionando-se com um maior aperfeiçoamento dessa significação providencial da ordem econômica, que já fora iniciada na Escolástica.

Baxter diz expressamente que "devemos exortar todos os cristãos a ganhar tudo o que for possível, e a economizar o máximo possível, isto é, em outras palavras, a se enriquecerem". Esse resultado não exime ninguém da obrigação de continuar trabalhando e de viver frugalmente. Conclui Weber: "A riqueza, dessa forma, é condenável eticamente só na medida em que constituir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida".

O fenômeno da divisão do trabalho e das profissões já fora tratado, entre outros, por São Tomás de Aquino, ao qual convém nos referirmos mais uma vez, com decorrência divina dos planos divinos. Mas, a disposição dos homens nessa ordem segue-se **ex causis naturalibus** e é fortuita (ou "contingente", na terminologia escolástica). A diferenciação dos homens em camadas e vocações, estabelecida através do desenvolvimento histórico, como vimos, tornou-se para Lutero um resultado direto da vontade divina, e, conseqüentemente, a permanência de cada um na posição e dentro dos limites que lhe foram assinalados por Deus, um dever religioso. Isto resultou, principalmente, do fato de as relações da religião luterana com o século terem sido incertas desde o começo, e de assim terem permanecido. Princípios éticos para a reforma do mundo não podiam ser encontrados no rol dos pensamentos de Lutero, que nunca conseguiu libertar-se completamente da indiferença paulina pelo mundo. Este, portanto, devia ser aceito como era, e só isto já podia constituir-se num dever religioso.

O caráter providencial da interação dos interesses particulares assume, todavia, uma forma diversa na perspectiva puritana. De acordo com a tendência do puritanismo, o caráter providencial da divisão do trabalho dá-se a conhecer pelos seus resultados. Sobre estes, Baxter tece considerações que, em mais de um ponto, lembram diretamente a conhecida apoteose da

divisão do trabalho de Adam Smith. A especialização das ocupações leva, à medida que possibilita o desenvolvimento das habilidades do trabalhador, a progressos quantitativos e qualitativos na produção, servindo assim também ao bem comum, que é idêntico ao bem do maior número.

Até aí, a motivação é puramente utilitária, e, por isso, aparentada a diversos pontos de vista da literatura secular da época. Mas, o elemento caracteristicamente puritano logo aparece, quando Baxter coloca à frente de sua discussão a seguinte proposição: “Fora de uma vocação bem-sucedida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho”, e também quando conclui dizendo que “ele (o trabalhador especializado) efetuará seu trabalho ordenadamente, enquanto um grupo permanecerá numa contínua confusão, não conhecendo sua atividade, nem tempo nem lugar... razão pela qual ter um ofício certo é o melhor para todos”. O trabalho irregular, que muitas vezes o operário comum é obrigado a aceitar, é, muitas vezes, um inevitável, mas, sempre um indesejável estado de transição. Assim, faltam à vida do homem sem ofício aquele caráter sistemático e metódico requerido, como vimos, pelo ascetismo secular.

Também, de acordo com a ética quaker, é a vida profissional do homem que lhe dá certo treino moral, uma prova de seu estado de graça para a sua consciência, que se expressa no zelo e no método, fazendo com que ele consiga cumprir a sua vocação. Não é trabalho em si, mas um trabalho nacional, uma vocação, que é pedida por Deus. Na concepção puritana da vocação, a ênfase sempre é posta neste caráter metódico da ascese vocacional, e não, como em Lutero, na aceitação do destino, irremediavelmente, assinalado por Deus.

Assim, não é apenas a pergunta referente à possibilidade de o homem combinar várias vocações para o bem comum ou para o próprio bem, que é respondida afirmativamente, não constituindo isto um desdouro para quem quer que seja, se não se tornar duvidosa uma das vocações. E a própria mudança da profissão, que não é de forma alguma encarada como condenável, na medida que for produto de reflexão e da vontade de seguir uma vocação mais agradável a Deus, o que, de acordo como os princípios gerais, equivale a uma mais proveitosa.

É verdade que a utilidade de uma vocação, e sua conseqüente aprovação por Deus, é orientada primeiramente por critérios morais e depois pela escala de importância dos bens produzidos para a "coletividade", colocando-se, porém, logo em seguida, um terceiro, e do ponto de vista prático, mais importante critério: a "lucratividade" individual do empreendimento. Com efeito, quando Deus, em cujas disposições o puritano via todos os acontecimentos da vida, aponta, para um de Seus eleitos, uma oportunidade de lucro, este deve aproveitá-la com um propósito, e, conseqüentemente, o cristão autêntico deve atender a esse chamado, aproveitando a oportunidade que se lhe apresenta. "Se Deus vos aponta um meio pelo qual legalmente obtiverdes mais do que por outro (sem perigo para a vossa alma ou para a de outro), e se o recusardes e escolherdes um caminho menos lucrativo, então, estareis recusando um dos fins de vossa vocação, e recusareis a ser o servo do Deus, aceitando suas dádivas e usando-as para Ele, quando Ele assim o quis. Deveis trabalhar para serdes ricos para Deus, e, evidentemente, não para a carne ou para o pecado".

A riqueza, desta forma, é condenável eticamente, só na medida que constituir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida. Sua aquisição é má somente quando é feita com o propósito de uma vida posterior mais feliz e sem preocupações. Mas, como o empreendimento de um dever vocacional, ela não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada. A parábola do servo que foi desaprovado por não ter aumentado a soma que lhe foi confiada serve para expressar isso diretamente. Querer ser pobre, como repetidas vezes se disse, equivalia a querer ser doente, era reprovável do

ponto de vista da glorificação do trabalho e derogatório à glória de Deus. Especialmente, a mendicância dos capazes de trabalhar não constitui apenas um pecado de preguiça, mas ainda, de acordo com a palavra do apóstolo, uma violação do dever de amor ao próximo".

8. Respostas dos exercícios

I – Nascedouro e fundamentos histórico-culturais

1-D

2-B

3-A

4-C

II – A sociedade feudal

1-A

2-B

3-C

4-D

III – A Época Moderna

1-C

2-A

3-B

4-D

IV – Feição assumida pela cultura ocidental

1-B

2-C

3-A

4-D